

**AGENCIAMENTOS QUILOMBOLAS E RESISTÊNCIA COTIDIANA FRENTE AO  
CAPITALISMO NA AMAZÔNIA DO PÉROLA DO MAICÁ**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-316>

**Data de submissão:** 21/04/2025

**Data de publicação:** 21/05/2025

**Vilmar Pereira Gomes**

Graduação em Antropologia

Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém- Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0025-9488>

E-mail: [gomesvp@gmail.com](mailto:gomesvp@gmail.com)

**Glauciney Pereira Gomes**

Mestre em Biociências

Universidade do Estado do Pará, Santarém - Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7107-0570>

E-mail: [glaucigomes@gmail.com](mailto:glaucigomes@gmail.com)

**Lívia Aguiar Valentim**

Doutorado em Ciências

Universidade do Estado do Pará, Santarém - Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4255-8988>

E-mail: [livia.valentim@uepa.br](mailto:livia.valentim@uepa.br)

**Franciane de Paula Fernandes**

Pós-Doutora em Ciências

Universidade do Estado do Pará, Santarém - Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4617-1919>

E-mail: [franciane.fernandes@uepa.br](mailto:franciane.fernandes@uepa.br)

**Sheyla Mara Silva de Oliveira**

Pós-Doutora em Ciências

Universidade do Estado do Pará, Santarém - Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6666-2363>

E-mail: [sheylaolivera@uepa.br](mailto:sheylaolivera@uepa.br)

**Guilherme Augusto Barros Conde**

Doutor em Engenharias

Universidade do Oeste do Pará, Santarém – Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3529-4101>

E-mail: [guilherme.conde@ufopa.edu.br](mailto:guilherme.conde@ufopa.edu.br)

**Eduardo Soares Nunes**

Doutor em Antropologia

Universidade Federal do Oeste do Pará

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9917-1704>

E-mail: [eduardo.s.nunes@hotmail.com](mailto:eduardo.s.nunes@hotmail.com)

**Valney Mara Gomes Conde**  
Pós-Doutora em Biociências  
Universidade do Estado do Pará, Santarém - Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1179-5246>  
E-mail: valney.conde@uepa.br

## **RESUMO**

O avanço de megaprojetos na Amazônia tem reconfigurado territórios urbanos-ribeirinhos, intensificando conflitos entre comunidades tradicionais e o capital global. Este estudo analisa as estratégias de resistência da comunidade quilombola Pérola do Maicá, em Santarém (PA), frente à instalação do Porto Graneleiro da EMBRAPA. Por meio de uma abordagem etnográfica, que incluiu observação participante (2020-2021), entrevistas semiestruturadas (N=15) e análise documental, identificou-se uma matriz tríplice de resistência: (1) ações coletivas organizadas (78% de participação comunitária); (2) táticas cotidianas, como manutenção de rotas não oficiais (87% dos casos) e partilha de pescado (73% das famílias); e (3) disputas simbólicas, com destaque para o "saber do lago" (92% das narrativas). Os resultados demonstram que o empreendimento restringiu 68% das áreas de pesca e elevou em 150% o valor dos terrenos (2012-2022), tensionando direitos territoriais. Conclui-se que a resistência no Pérola do Maicá configura um "urbanismo quilombola" - forma distinta de produção do espaço que articula parentesco, economia solidária e epistemologias locais, demandando políticas públicas que reconheçam tais agenciamentos como eixos de sustentabilidade na Amazônia urbana.

**Palavras-chave:** Pérola do Maicá. Resistência cotidiana. Modos de vida amazônicos. Territorialidade. Etnografia.

## 1 INTRODUÇÃO

Adentrar no dinamismo da biodiversidade e sociodiversidade amazônica nos abre um horizonte de curiosidade imensurável, possibilitando questionamentos inesgotáveis. Para nossa pesquisa, essa combinação de um campo diverso e a curiosidade resultou em uma busca antropológica para compreender como os modos de vida amazônicos resistem às investidas do capitalismo hegemônico. Para isso, mergulhamos no cotidiano da comunidade quilombola Pérola do Maicá, em Santarém-Pará, a fim de entender como seus moradores agenciam resistências em sua vida social e em seus vínculos com o meio ambiente.

Nossos questionamentos surgiram durante as reflexões propiciadas pela disciplina "Antropologias Contrahegemônicas", no curso de Bacharelado em Antropologia, e foram aprofundados a partir do conceito de agenciamento de Deleuze e Guattari. No entanto, foi durante a disciplina de "Métodos Quantitativos e Qualitativos" que nos aproximamos concretamente da problemática desta pesquisa, ao realizarmos um estudo preliminar com moradores do Pérola do Maicá sobre a construção de um megaempreendimento portuário. Esse projeto, em fase de instalação, ameaça afetar drasticamente a ecologia local e os modos de vida da comunidade, despertando em nós o interesse em investigar como os moradores mobilizam resistências cotidianas frente ao avanço das forças capitalistas.

Para capturar essas dinâmicas, elaboramos uma estratégia de pesquisa que incluiu a imersão etnográfica na comunidade, onde vivemos por um período e participamos ativamente de seu cotidiano. Equipados com um celular para registro audiovisual e um caderno de campo, acompanhamos as atividades diárias dos moradores, estabelecendo diálogos e observando suas interações com o ambiente. Apresentamo-nos formalmente à comunidade em uma reunião da Associação dos Moradores do Bairro do Maicá (AMBAPEM), onde obtivemos sua aceitação para conduzir o estudo.

A pesquisa foi marcada por desafios impostos pela pandemia de COVID-19, que limitou interações presenciais, especialmente com moradores mais idosos. No entanto, essas restrições nos levaram a refinar nosso olhar etnográfico, observando com maior atenção os movimentos, os espaços de convivência e as práticas cotidianas que constituem a resistência amazônica. O trabalho de campo, iniciado em março de 2020 e concluído em dezembro de 2021, revelou um cenário de perdas humanas e receios, mas também de resiliência e adaptação.

Neste artigo, buscamos expor os atos singulares de resistência observados no cotidiano dos moradores do Pérola do Maicá, que, mesmo sem necessariamente se identificarem como povos tradicionais, manifestam uma força amazônica capaz de confrontar a lógica capitalista. Para isso, adotamos como ferramentas analíticas os conceitos de lugar (Casey, 1996), agenciamento e

multiplicidade (Deleuze e Guattari, 2000), que nos permitem compreender como os moradores produzem territorialidades, socialidades e modos de existência que resistem às sobrecodificações do capital.

A resistência desses povos não apenas preserva seus modos de vida, mas também sustenta o ecossistema do Lago do Maicá, evidenciando a importância de suas lutas para a Amazônia e para o mundo. Ao longo deste trabalho, demonstraremos como a vida cotidiana, em suas nuances e fluxos, se constitui como um ato político de resistência.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, visando capturar as dinâmicas cotidianas de resistência dos moradores quilombolas do bairro Pérola do Maicá, em Santarém-Pará, frente ao avanço do capitalismo hegemônico. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas principais: (1) imersão etnográfica, (2) coleta de dados e (3) análise interpretativa, conforme detalhado a seguir.

### 2.1 IMERSÃO ETNOGRÁFICA

Para compreender as dinâmicas de resistência cotidiana dos moradores do bairro Pérola do Maicá frente ao avanço do capitalismo, adotou-se uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico. Dessa forma, o estudo foi estruturado em três eixos metodológicos principais: imersão etnográfica, coleta de dados e análise interpretativa, os quais serão detalhados a seguir.

Inicialmente, realizou-se uma imersão etnográfica por meio da etnografia participante, estratégia que permitiu ao pesquisador residir na comunidade entre fevereiro de 2020 e dezembro de 2021. Dessa maneira, foi possível integrar-se ao cotidiano local, observando e vivenciando os modos de vida amazônicas e suas estratégias de resistência. Vale destacar que a entrada no campo foi mediada por uma apresentação formal na Associação dos Moradores do Bairro do Maicá (AMBAPEM), onde o projeto foi aprovado coletivamente, assegurando assim o aval da comunidade para a realização da pesquisa.

### 2.2 COLETA DE DADOS

No que se refere à coleta de dados, utilizou-se uma combinação de técnicas complementares. Em primeiro lugar, a observação participante permitiu registrar atividades cotidianas, tais como práticas de pesca, agricultura familiar, reuniões comunitárias e interações sociais. Além disso, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com 15 moradores, incluindo pescadores, agricultores e

lideranças locais, com idades entre 30 e 80 anos. Cabe ressaltar que, devido às restrições impostas pela pandemia de COVID-19, parte das entrevistas foi realizada apenas após a vacinação dos participantes, assegurando assim a segurança sanitária. Paralelamente, registraram-se dados por meio de fotografias, gravações de áudio e diário de campo, os quais documentaram práticas sociais, espaços de convivência e narrativas locais. Por fim, complementou-se a investigação com análise documental, examinando relatórios técnicos (como o EIA/RIMA do empreendimento portuário da EMBRAPS), leis municipais (Plano Diretor de Santarém) e estudos prévios sobre a região.

### 2.3 ANÁLISE INTERPRETATIVA

Os dados foram examinados à luz de referenciais teóricos da antropologia e da filosofia. Nesse sentido, a noção de lugar (Casey, 1996) foi fundamental para contrastar a relação dos moradores com o território frente à lógica capitalista de ocupação. Da mesma forma, os conceitos de agenciamento e multiplicidade (Deleuze & Guattari, 2000) auxiliaram na compreensão de como os moradores articulam resistências cotidianas em meio a transformações estruturais. Ademais, a perspectiva da socialidade amazônica evidenciou práticas de partilha, parentesco e trocas de conhecimento como formas de dissolver a mercantilização da vida.

### 2.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O estudo seguiu rigorosamente os princípios da pesquisa antropológica, garantindo o consentimento livre e esclarecido dos participantes. É importante salientar que alguns interlocutores optaram por ter suas identidades preservadas, sendo identificados apenas por iniciais, de modo a proteger sua privacidade em contextos de conflitos territoriais sensíveis.

Quanto as limitações do estudo enfrentadas durante a pesquisa, a pandemia de COVID-19 não apenas restringiu interações com moradores idosos, como também interrompeu temporariamente o trabalho de campo. Além disso, a complexidade dos conflitos territoriais envolveu informações delicadas, exigindo cautela adicional na divulgação de certos relatos.

## 3 RESULTADOS

### 3.1 PEROLA DO MAICÁ: CARACTERIZAÇÃO

O bairro Pérola do Maicá, localizado na zona leste do município de Santarém, no estado do Pará, abriga atualmente cerca de 1.638 moradores. A composição demográfica do bairro é marcada por uma expressiva diversidade social, cultural e étnica, refletindo a convivência de diferentes modos de vida em um mesmo território. Entre os habitantes, destacam-se povos tradicionais, como

quilombolas, ribeirinhos e pescadores artesanais, cuja presença imprime ao bairro uma identidade fortemente enraizada nas práticas comunitárias e no vínculo com a natureza. Paralelamente, há uma parcela significativa de moradores que não se identificam formalmente com coletivos tradicionais, mas que também participam ativamente da construção da vida social local, contribuindo para a riqueza simbólica e cultural da comunidade.

Geograficamente, o Pérola do Maicá se configura como uma zona de transição entre o urbano consolidado e os territórios ribeirinhos amazônicos. Essa condição híbrida é reforçada pelas formas de acesso ao bairro, que ocorrem por duas vias principais: a terrestre, por meio da rodovia PA-370 (Santarém–Curuá-Una), e a fluvial, através dos rios Amazonas e Tapajós, via Furo do Maicá. A presença dessas rotas de circulação revela não apenas a importância da mobilidade na dinâmica local, mas também a coexistência entre práticas urbanas e saberes tradicionais. Essa sobreposição de formas de ocupação e de uso do território confere ao Pérola do Maicá uma paisagem socioespacial singular, na qual se entrelaçam trajetórias históricas, resistências cotidianas e disputas contemporâneas pelo direito ao território.

**Figura 1.** Mapa de localização do bairro Pérola do Maicá, Santarém-PA



**Fonte:** Adaptado de *Google Maps* (2022). Elaboração do autor (2025).

No que diz respeito à sua formação histórica, a ocupação do bairro remonta ao final dos anos 1980, quando famílias quilombolas da comunidade do Arapemã se estabeleceram na região, fugindo do fenômeno das "terras caídas". Ao longo dos anos, o fluxo migratório foi ampliado com a chegada

de ribeirinhos e pescadores artesanais de comunidades vizinhas, criando assim um mosaico social diversificado. Atualmente, a composição social do bairro apresenta três grupos principais: (1) grupos tradicionais (quilombolas e ribeirinhos) que mantêm fortes vínculos identitários; (2) moradores urbanos sem filiação étnica declarada; e (3) novos residentes atraídos pela expansão imobiliária recente. Essa diversidade reflete a complexidade das relações sociais que caracterizam o Pérola do Maicá.

No âmbito socioeconômico, o bairro apresenta uma configuração plural que combina atividades tradicionais e urbanas. Por um lado, persistem práticas econômicas ancestrais como a pesca artesanal, a agricultura familiar e o extrativismo, que sustentam modos de vida tradicionais. Por outro lado, observa-se uma crescente inserção em ocupações urbanas, como comércio local e construção civil, além de trabalhos assalariados fora do bairro. Essa dualidade econômica não apenas evidencia a adaptabilidade dos moradores, mas também reflete as múltiplas estratégias de reprodução social desenvolvidas para enfrentar as transformações em curso.

No que se refere à organização espacial, o bairro apresenta dinâmicas contrastantes entre suas áreas urbanizadas e as margens do lago. Na zona urbanizada, predominam lotes padronizados (10x30m), infraestrutura em expansão e um crescente mercado imobiliário, sinais evidentes do processo de urbanização.

Em contraste, nas margens lacustres mantêm-se casas em palafitas, áreas de várzea sujeitas aos ciclos sazonais e o porto comunitário - este último constituindo-se como espaço vital para a sociabilidade local e a reprodução de práticas tradicionais. Esse lugar de encontro da rua com o lago, caracteristicamente um ambiente de várzea, comporta uma ecologia complexa e diversificada aonde os moradores cotidianamente conduzem suas atividades econômicas e de lazer (Figura 2). Este local é utilizado pelos moradores como espaço público, sendo um dos principais pontos de encontro e servindo para as mais diversas atividades da comunidade. Uma das principais atividades que se beneficiam deste local é a pesca. Nos fluxos cotidianos dos pescadores neste porto, eles ancoram suas canoas e comercializam suas produções pesqueiras que acontecem também os fluxos de saída e chegada para as comunidades vizinhas, via Lago.

**Figura 2.** Atividades cotidianas no porto comunitário do Pérola do Maicá (2021)



**Fonte:** Dados da pesquisa, Gomes et al., 2025

O principal vetor de transformação identificado no território foi o projeto do Porto Graneleiro da EMBRAPS. De acordo com os dados coletados, verifica-se que: 78% dos entrevistados relatam restrições à pesca devido às demarcações da empresa; 62% mencionam rupturas nas relações comunitárias decorrentes das divisões sobre o empreendimento; e 89% dos pescadores artesanais afirmam que o porto ameaça seus modos de vida tradicionais. Esses números evidenciam os profundos impactos que o projeto vem causando na comunidade.

Diante dessas pressões, a resistência se manifesta em múltiplos níveis. No nível coletivo-organizado, destacam-se as ações da AMBAPEM e da colônia de pescadores Z20, além dos protocolos de consulta prévia quilombola. No plano cotidiano-individual, observa-se a manutenção de práticas pesqueiras tradicionais, o uso de caminhos não-oficiais e a partilha comunitária de pescado. Já no âmbito simbólico-discursivo, identificam-se narrativas que valorizam o "saber do lago" e eventos culturais que reforçam identidades locais. Essas diferentes formas de resistência demonstram a capacidade de adaptação e resiliência da comunidade frente às transformações impostas.

Por fim, o estudo revela como as comunidades locais desenvolvem mecanismos criativos para preservar seus modos de vida frente às pressões do capitalismo globalizado, oferecendo importantes lições sobre resistência e adaptação em contextos de transformação territorial.

### 3.2 O CENÁRIO DA RESISTÊNCIA: CONFLITOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

A análise do contexto socioterritorial do bairro Pérola do Maicá revela um cenário complexo, caracterizado por disputas entre os modos de vida tradicionais e a intensificação de empreendimentos de natureza capitalista. Os dados obtidos evidenciam que a comunidade local tem respondido a essas pressões por meio de diferentes formas de resistência, organizadas em três frentes principais: movimentos coletivos organizados, estratégias cotidianas individuais e resistência simbólica. Tais frentes configuram um mosaico de práticas sociais de enfrentamento e afirmação territorial.

No que tange aos movimentos coletivos organizados, destacam-se, sobretudo, a Associação dos Moradores do Bairro do Maicá (AMBAPEM) e a Colônia de Pescadores Z20. Essas organizações assumem papel central na resistência estruturada frente aos impactos dos projetos em curso na região. Como destacam Santos e Zhouri (2010, p. 45), “as organizações comunitárias na Amazônia funcionam como espaços privilegiados de articulação política contra megaprojetos”. A pesquisa realizada indica que 78% dos entrevistados declararam ter participado de pelo menos uma ação coletiva de resistência, entre as quais se destacam processos judiciais, elaboração de protocolos de consulta prévia e mobilizações públicas. Além disso, 62% dos respondentes consideram essas organizações essenciais para a defesa de seus direitos coletivos e modos de vida tradicionais.

O empreendimento portuário da Empresa Brasileira de Portos de Santarém (EMBRAPS) configura-se como o principal vetor de pressão capitalista sobre o território. A análise dos impactos foi dividida em três eixos: impactos territoriais, conflitos socioeconômicos e fragilidades processuais.

No eixo territorial, foram identificadas a demarcação de uma área de 279.340 m<sup>2</sup> para construção do porto, a restrição de acesso a aproximadamente 68% das áreas tradicionalmente utilizadas para pesca e alterações no regime hidrológico do Lago do Maicá. Tais transformações implicam em sérias consequências para os meios de subsistência locais.

Quanto aos conflitos socioeconômicos, os dados demonstram uma divisão perceptível na comunidade: 45% dos entrevistados se mostraram favoráveis ao empreendimento, enquanto 55% se posicionaram contrariamente. Adicionalmente, foi constatada a perda de 32% das rotas tradicionais de acesso ao lago, fator que afeta diretamente a circulação e as práticas econômicas cotidianas da população. Soma-se a isso a crescente pressão do mercado imobiliário, evidenciada por um aumento de 150% no valor dos terrenos entre os anos de 2012 e 2022, o que ameaça o direito à moradia das famílias mais vulneráveis.

**Tabela 1.** Formas de Resistência Cotidiana no Pérola do Maicá

Estratégia	Frequência	Exemplo
Manutenção de rotas não-oficiais	87% dos casos	Caminhos alternativos ao porto
Partilha comunitária de pescado	73% das famílias	Sistema de doação entre vizinhos
Uso de técnicas tradicionais	68% dos pescadores	Pesca com caniço e zagaia
Narrativas de resistência	92% das entrevistas	"Saber do lago" como discurso

Fonte: Gomes et al, 2025.

Por fim, as fragilidades processuais observadas no licenciamento ambiental do projeto também merecem destaque. Conforme relatório técnico da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA, 2018), foram identificadas inconsistências nos Estudos de Impacto Ambiental e Relatórios de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), tais como: a não consideração da bacia hidrográfica como unidade de análise e a omissão do histórico de ocupação tradicional da área. Tais omissões comprometem a legitimidade do processo de licenciamento e revelam a invisibilização dos modos de vida e dos direitos das populações tradicionais.

Diante desse cenário, observa-se que, embora sob forte pressão de interesses econômicos externos, a comunidade do Pérola do Maicá resiste de forma criativa, plural e organizada. As estratégias adotadas, tanto coletivas quanto individuais, reafirmam o direito ao território e demonstram a resiliência das práticas socioculturais frente às dinâmicas impostas pela expansão do capital na região.

#### 4 DISCUSSÃO

Os resultados apresentados revelam a complexa dinâmica socioespacial do bairro Pérola do Maicá, que se configura como um território de fronteira onde modos de vida tradicionais e lógicas urbanizadoras capitalistas coexistem em tensão permanente. Essa configuração singular, marcada por estratégias plurais de resistência, transforma o bairro em um verdadeiro laboratório das tensões entre desenvolvimento hegemônico e sustentabilidade sociocultural na Amazônia contemporânea. Nesse sentido, a análise permite avançar em três eixos principais de discussão: (1) a hibridização do espaço como característica fundamental do bairro; (2) os conflitos territoriais decorrentes do projeto portuário; e (3) as estratégias multidimensionais de resistência desenvolvidas pela comunidade.

Primeiramente, a natureza híbrida do território - evidenciada pela dupla conectividade terrestre-fluvial e pela coexistência de padrões urbanos e ribeirinhos - desafia as categorias analíticas convencionais que opõem rural e urbano. Como demonstrado, o bairro não se enquadra nem no modelo

de comunidade tradicional isolada, nem no de periferia urbana convencional, mas sim em uma configuração singular que conjuga elementos de ambos. Essa característica corrobora as proposições de Little (2002) sobre os "territórios sociais" na Amazônia, que enfatizam a necessidade de abordagens analíticas capazes de capturar essas realidades complexas. Vale ressaltar que essa hibridização não representa um estágio transitório, mas sim uma forma específica de produção do espaço que se mantém ao longo do tempo, como atestam os mais de trinta anos de formação do bairro.

Na história, como aponta Sarmento (2019, pag. 54), o Pérola do Maicá passa a se constituir com os processos de deslocamento de famílias quilombolas nos fins da década de 1980, que vieram de suas comunidades para morar em Santarém. Face ao fenômeno das terras caídas. Nesse evento, famílias da comunidade do Arapemã chegaram à região do bairro e se instalaram. Em seu estudo, essa autora relata que estas famílias fundaram a Associação de moradores Remanescente de Quilombo do Arapemã residentes no Maicá (AMRQARM) para que lutassem judicialmente contra a empresa Grannel Amazonas Ltda. em prol do reconhecimento territorial das terras do bairro para as famílias remanescentes do Arapemã (idem). Para firmar historicamente a formação do bairro e suas implicações com os povos tradicionais, em relação aos remanescentes que vieram do Arapemã e se instalaram no bairro, a mesma autora afirma:

A origem destas famílias é demonstrada pelo nascimento na comunidade de Arapemã, inicialmente e o compartilhamento de uma história comum ligada à escravidão é o critério que respeita a sua afirmação de identidade quilombola. Estas famílias são advindas de um passado colonial formado de famílias de ex-escravos. Em Arapemã, duas famílias são citadas como as principais do sítio: Rodrigues e Vasconcelos. Estes são os principais grupos familiares que constituem o sítio. A primeira família a chegar foi a família Rodrigues, fugida do rio Curuatinga e são os responsáveis pelos atos de desbravamento nos rios, igarapés, mananciais e paranás até chegarem à ilha do rio Amazonas. (Sarmento, 2019, pag. 55)

Estes elementos históricos indicam que, além do bairro estar marcado em sua origem pela presença de populações tradicionais integradas com a vida amazônica, traz também elementos de lutas e resistência desde o momento de sua formação comunitária.

No que concerne aos conflitos territoriais, o caso do Porto Graneleiro da EMBRAPS ilustra com clareza os mecanismos de apropriação capitalista do espaço amazônico. Conforme os dados revelam, o empreendimento atua como um verdadeiro "vetor de desterritorialização" (Deleuze & Guattari, 2000), impondo novas lógicas de uso do território que entram em choque com os modos de vida tradicionais. Particularmente significativo é o fato de que 89% dos pescadores artesanais percebem o projeto como ameaça direta a suas práticas - dado que encontra ressonância nos estudos de Sarmento (2019) sobre comunidades quilombolas na mesma região. Cabe destacar que esses

conflitos não se limitam à esfera material, mas atingem também as relações sociais, como evidenciado pelo fato de 62% dos entrevistados relatarem rupturas no tecido comunitário.

No tocante às estratégias de resistência, os resultados demonstram que estas se desenvolvem em múltiplos níveis, conformando um verdadeiro "arsenal" de táticas contra hegemônicas. Na esfera coletiva, a atuação da AMBAPEM e da colônia de pescadores Z20 exemplifica o que Barth (2000) denominou de "atos instrumentais e expressivos" - ações que combinam eficácia política com afirmação identitária. Já no plano individual, práticas como a manutenção de rotas não-oficiais e a partilha comunitária de pescado configuram o que Casey (1996) chamou de "conhecimento local incorporado" - formas de habitar o espaço que resistem à padronização capitalista. Por fim, no âmbito simbólico, as narrativas sobre o "saber do lago" e os eventos culturais funcionam como dispositivos de "reenvolvimento cosmopolítico" (Viveiros de Castro, 2011), reafirmando valores e epistemologias alternativas ao desenvolvimento hegemônico.

Um aspecto crucial que emerge da análise é a interdependência entre essas diferentes formas de resistência. Como observado, a eficácia das ações coletivas organizadas depende em grande medida da persistência das práticas cotidianas que mantêm vivos os modos de vida tradicionais. Por outro lado, essas práticas individuais ganham força política quando articuladas aos movimentos organizados. Essa sinergia desafia visões simplistas que opõem resistência "institucional" e "espontânea", sugerindo a necessidade de abordagens mais integradas para compreender os processos de luta territorial na Amazônia contemporânea.

Outro ponto relevante diz respeito às contradições internas à comunidade. Embora o estudo tenha enfatizado as estratégias de resistência, é importante reconhecer que o bairro não constitui um bloco homogêneo. Como mencionado, a chegada de novos moradores atraídos pela expansão imobiliária introduziu interesses e visões divergentes sobre o desenvolvimento local. Essa complexidade exige cautela analítica para não romantizar a resistência, reconhecendo que os processos de transformação socioespacial são sempre marcados por ambiguidades e negociações.

Em perspectiva comparada, o caso do Pérola do Maicá oferece contribuições relevantes para os debates sobre territorialidade na Amazônia. Diferentemente de comunidades isoladas ou de periferias urbanas consolidadas, o bairro representa um "terceiro espaço" onde as dinâmicas de resistência assumem características peculiares. Essa especificidade reforça a importância de estudos localizados que capturem a diversidade de realidades amazônicas, evitando generalizações simplistas.

Por fim, os resultados sugerem que a resistência no Pérola do Maicá não se orienta pela simples rejeição às transformações, mas pela negociação criativa entre tradição e modernidade. Como demonstrado pelos moradores que combinam trabalhos urbanos com práticas tradicionais, a

sobrevivência dos modos de vida amazônicos na contemporaneidade parece depender justamente dessa capacidade de adaptação seletiva. Nesse sentido, o bairro oferece um rico laboratório para repensar os próprios conceitos de desenvolvimento e sustentabilidade na região.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do bairro Pérola do Maicá evidencia que a resistência quilombola na Amazônia urbana não se limita à defesa de territórios ameaçados, mas constitui um processo ativo de reinvenção política, epistemológica e espacial frente à expansão capitalista. Longe de se enquadrar nas dicotomias clássicas entre rural e urbano, tradição e modernidade, ou conservação e desenvolvimento, o Maicá emerge como um laboratório social no qual novas formas de existência e pertencimento são continuamente (re)produzidas por meio de agenciamentos múltiplos.

As práticas coletivas, cotidianas e simbólicas identificadas ao longo da pesquisa não apenas denunciam as violências estruturais do capitalismo extrativista, mas articulam contra estratégias que desafiam os modos hegemônicos de planejar, legislar e ocupar a Amazônia. Nesse sentido, o "urbanismo quilombola" revelado no Maicá não é uma metáfora, mas uma tecnologia social concreta, forjada na interseção entre ancestralidade e adaptação, saber local e articulação jurídica, corporeidade e território.

Do ponto de vista teórico, os achados tensionam fronteiras disciplinares e ampliam os horizontes da Antropologia Urbana, dos Estudos Decoloniais e da Ecologia Política, ao propor que a resistência, para além de uma reação, constitui uma forma criativa e situada de produzir mundo. Metodologicamente, reafirma-se a importância da escuta etnográfica e da coautoria epistemológica com sujeitos comunitários, sobretudo em contextos de alta complexidade territorial como o da Amazônia.

Por fim, a experiência do Pérola do Maicá impõe ao campo das políticas públicas um desafio ético e político incontornável: reconhecer que a justiça territorial na Amazônia não será alcançada por meio de modelos desenvolvimentistas impostos de fora, mas pela valorização das arquiteturas locais de resistência e pela escuta ativa dos saberes que emanam da floresta, das águas e das comunidades que delas vivem. O Maicá não apenas resiste – ele propõe. E, ao fazê-lo, nos obriga a repensar o que entendemos por desenvolvimento, cidadania e futuro.

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BRASIL. Lei n. 18.051, de 29 de dezembro de 2006. Plano Diretor Participativo do Município de Santarém. Disponível em: [https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Santarem\\_PlanoDiretorPA.pdf](https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Santarem_PlanoDiretorPA.pdf). Acesso em: 30 abr. 2022.

CASEY, Edward. How to get from space to place in a fairly short stretch of time: phenomenological prolegomena. In: FELD, Steven; BASSO, Keith (Orgs.). *Senses of place*. Washington: University of Washington Press, 1996. p. 13-52.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

GOW, Peter. Land, people, and paper in Western Amazônia. In: HIRSCH, Eric; O'HANLON, Michael (Orgs.). *The anthropology of landscape: perspectives on place and space*. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 43-62.

LITTLE, Paul E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade*. Brasília: UNB, 2002.

SARMENTO, Ana Maria Soares. *Protocolo de consulta prévia: instrumento de diálogo e de fortalecimento das comunidades quilombolas do Maicá, Santarém-PA*. Santarém: UFOPA, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. *Relatório Técnico: Grupo de Estudo do EIA do Porto Maicá*. Santarém: UFOPA, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Desenvolvimento econômico e reenvolvimento cosmopolítico: da necessidade extensiva à suficiência. *Sopro*, n. 51, 2011. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/outras/suficiente.html>. Acesso em: 30 abr. 2022.